

1100 199

Assign. por mez 1.000 r.s.

Numero 39



Redacção de Cruze Souza Propriedade de uma Associação



—Diz! por aqui! Vem buscar o "Dizia-se" para a "Regeneração?"
 Não, não; venho trazer o penacho de que V.S. se occupou a 15 e dizer-lhe que o Moreira só espera a
 Rocha, para contra-protestar... a facção.

O MOLEQUE

Desterro, 20 de Setembro de 1885.

Virgilio Varzea e Cruz e Souza

Temos a elevada honra de transladar para as nossas columnas, um notabilissimo e superior artigo critico sobre os «*Tropos e Phantasias*» d'aquelles nossos amigos, insérto na «*Semana*» da Côte,—a primeira revista critica, scientifica e litteraria do paiz.

O artigo é escripto ou antes, admiravelmente burilado por Araripe Junior, o profundo espirito litterario, o conceituado critico do «*Germinab*» de Zolá e incontestavelmente um dos mais fortes talentos de combate.

E' isso um sério triumpho para os nossos amigos e uma esporada, um vibrante *coup de balai* na obtusidade córnea dos invejosos que, queiram ou não queiram, gostem ou não gostem, apreciem-n'os ou deixem de os apreciar, nunca conseguirão enfraquecer ou desvirtuar o seu inabalavel merecimento.

Mórda-se, pois, toda a càfila dos invejosos:

OS NOSSOS LIVROS

«TROPOS E PHANTASIAS»

«E' o titulo de um pequeno livro escripto com estylo em Santa Catharina por dois moços que nunca de lá sahiram, Virgilio Varzea e Cruz e Souza.

Nesse facto está o seu maior elogio. Em verdade, publicar um trabalho litterario em uma terra, onde a imprensa mal serve para o escoamento do expediente das repartições publicas e da intriga, já significa alguma cousa, muito mais ainda, se esse trabalho tem colorido e recommenda-se por uma forma até certo ponto nova, cuidadosamente rebuscada. x

Os srs. Varzea e Cruz e Souza deram pois, uma prova de vitalidade não succumbindo à acção de um meio tão ingrato como é aquelle dentro do qual acham-se mergulhados; mostram talento pondo-se, atravez de tantas difficuldades physicas e moraes, em contacto ou em relações de sympathia com os espiritos que dominam o nosso seculo litterario.

Os *Tropos e phantasias* quando outra qualidade não tivessem seriam objecto de curiosidade pela audacia que revelam. Seus autores, filiando-se á escola naturalista, atiram-se ás formas litterarias cultivadas por E. Zola e Eça de Queiroz com

um enthusiasmo phrenetico só comparavel à anciedade e aos deslumbramentos de *pioneur* que pela primeira vez penetra em uma jazida aurifera.

D'ahi uma consequencia. O estylo sente-se das irregularidades e incongruencias que se encontram na primeira phase de todo o desenvolvimento organico. Atrophias e hypertrophias, que só virão a desaparecer com a integração final.

Completamente despreocupados das radicaes do pensamento os srs. Varzea e Cruz e Souza fazem com a phrase, com o periodo o mesmo que os ministaristas com os seus artefactos. Pouco se importam que a lamina da espada brilhe ou córte com tanto que os copos offereçam aos olhos de quem a empunha uma obra de buril cheia de magicos rendilhados.

As paginas, os pequenos contos do livrinho que tenho em cima da pasta não passam portanto de fragmentos de talentos, que ainda não tiveram tempo de compor-se. A palavra, o periodo está completo, perfeitamente afinado pelo diapasão da escola; mas sente-se que no meio de todo aquelle jogo de expressões, de imagens, de idéas esfusiadas, falta alguma cousa essencial.

Essa cousa é o complemento da vida na phrase;—é a certeza ou o isochronismo da funcção resultante do perfeito accordo entre o pensamento e a palavra, de modo que esta não seja mais intensa do que aquelle, e vice-versa.

O tempo se encarregará de corrigir esse defeito. Quando amadurecido o espirito dos autores pelo exercicio e pela observação dos factos exteriores, não lhes custará substituir a emphase pela expressão exacta e profunda.

Ha uma verdadeira e real classificação para o estylo d'esses moços:—um ensaio de coloridos, de tintas acres, em uma palheta empunhada por mão nervosa.

Percebe-se da primeira vista que os dois pintores ainda não dispõem do segredo da união dos grupos ou partes diversas que compõem a paisagem.»

Araripe Junior

Depois disto, apóz este juizo espontaneo e observador, apóz esta vergalhada mèstra, todos os imbecis que morram na noite da sua vulgaridade, embrulhados nos farrapos das suas idéas, ficando sabendo que, quer leiam os escriptos dos nossos amigos quer não leiam, elles com isso nada tem a perder, nem a ganhar, porque esses imbecis não formam tribunal julgador, por não terem competencia intellectual nem nome que lhes faculte o direito para isso.

E' verdade que os imbecis encontram sempre outros imbecis que os applaudam—mas isso é natural porque, quando não entendem uma cousa dizem que não presta, unicamente por não terem a coragem precisa de diser phrase de mais senso.

São assim todas as nullidades cynicas. O brilhantissimo escripto de Araripe Junior—chama-se: a justiça, o dever da critica litteraria—não se chama egoismo, não se chama ignorancia.

Zé.K.

AO PUBLICO

Nada devêmos á typographia da «*Regeneração*».

Mas, ao lermos um numero dessa fôlha, do dia 16 do corrente, deparámos na secção editorial, com um artiguete calumnioso e infundado que affrontava os nossos caracteres.

* Expliquemos os factos:

Em Junho deste anno, necessitando darmos publicidade a uns escriptos ligeiros da nossa lavra, dirigimo-nos ao administrador dessa officina, e tratámos a impressão de um livro que se intitulou *Tropos e Phantasias*, sob as seguintes condicções que fôram perfeitamente acceitas: 1^o o pagamento da metade da importancia da obra, seria adiantado; 2^o que o resto da importancia effectuar-se-hia á proporção que se fôsse cobrando as assignaturas, e, depois da entrega total de toda a edicção.

Entretanto assim não aconteceu, quanto ao ultimo paragrapho, em virtude de ter o sobredito administrador canalhotatisado o trato, não nos entregando a oitava parte da obra, que achava-se na importancia de cincoenta mil reis, julgada pelas assignaturas que erão de dous mil reis o exemplar.

Assim, pois, tendo sido contractada toda a obra por 120\$000, e, tendo nós dado a esse administrador oitenta e oito mil reis, fica provado amplamente, sem sophismas, que quem nos está a dever é essa officina que, por estupidez de quem a dirige, não nos entregou a parte restante dos folhetos.

E' esta a verdade; tudo o mais que se disser de nós, é puramente indignidade. Está finda a resposta.

O publico que nos julgue.

Virgilio Varzea e Cruz e Souza

H. Freitas

Tróta bem—couceia, é feio o Conferencia Herculano, e dá-se com qualquer freio: tróta bem—couceia, é feio; mas ninguem tenha receio que esse animal faça damno... tróta bem—couceia, é feio o Conferencia Herculano.

Tem só um defeito, um só, é comer muito capim e ter pernas de socô: tem só um defeito, um só, carregar na cauda um nó e ser magro e ser chimfrim. Tem só um defeito, um só, é comer muito capim.

Alfredo Delórm

Pena e Magoa

Ao SR. ELYSEU GUILHERME

Virgilio Varzea foi maculado. Foi escarnecido por quem lhe devia as maiores parcellas de reconhecimento. A formidavel e profundamente triste arma da ingratidão, varou-o pelas costas, ferio-o da sombra.

Virgilio Varzea não pertence mais a esta

redacção, como todos sabem, porem ella orgulha-se quando vê as scintillações do espumoso talento desse moço, radiando nas columnas deste jornal.

Triumpho quando elle sóbe pelo espirito; magoa-se quando o procuram fazer descer pela calumnia.

Virgilio Varzea é um verdadeiro e decidido soldado litterario; não pouca nunca os seus instrumentos de trabalho, não descança, não se fadiga, não pára.

A sua actividade intellectual, tem-no collado na fila dos que desfraldam a bandeira do Talento, na phrase do poeta.

E que o digam diversos órgãos como o «Diario de Santos; Pacotilha, do Maranhão; Diario do Grão-Pará; Gazeta da Tarde da Bahia; Itatiaia, Vigilante», onde os seus primorosos contos e as suas inspiradissimas poesias tem sido transcriptos.

Que o affirme o «Diario do Brasil» da Côte, no qual ainda hontem vimos «A Pagão» dos «Trópos e Phantasias».

Intellectualidade forte e preparada pelo electrismo psychico, Virgilio Varzea tem na escripta o geito, a *manière*, a *tournure* dos artistas apaixonados pelo burilamento da phrase.

Elle não manufactura as suas originalissimas phantasias, adoraveis pelo tom chromatico, muito finamente desenhado, sem a precisão clara do vocabulo, sem a tecnologia integral, absoluta, completa.

Os seus adjectivos, reluzindo como bayonetas ensarilhadas, não caminham pelos meandros do estylo, aos encontrões, esbarrando-se uns com os outros, fóra do alinhamento esthetico—pelo contrario—estão no periodo com a verdade accentuada das photographias perfeitas—são necessarios para a natureza da arte, como o sol para a natureza vegetal.

Inabalavel para a luta, tem a coragem douda dos leões, reveste a tunica de bronze dos Balthazar Radich.

A sua animalidade é tão desenvolvida, que nos momentos das fulgurações do seu intellecto, os musculos todos se lhe retezam e elle é vibrado pelo phenomeno da névro-espiritualisação.

E é este moço, este companheiro querido, este confrade adoravel, que vê barateada no mercado infamante da calumnia, a sua reputação digna, mais pura e mais limpida, que a consciencia de todos aquelles ingratos que não escutam mais dentro da su alma a repercussão saudosa dos factos de hontem—como vozes que se perdem nas abobadas profundas de um claustro deserto.

Ah! a luta pela vida, a luta pela vida!

Phariseus, que enterrais o criterio, como se enterra um Christo impolluto, o que fazeis no mundo, salpicando de lepra todas as boas cousas que o homem deve amar, como a virtude, a lealdade, a honestidade!

Arredai-vos da estrada da vida...

Onde está a razão do vosso Ser?!

Onde os vossos direitos de raciocinamento?

Porque desmanchais com a esquerda—o elemento do Mal, o que a direita—o elemento do Bem—praticou um dia?!...

São para o sr. Elyseu Guilherme, estas nossas palavras, que saém-nos pezarosas, cheias de pena, desconsoladas como il-

lusões perdidas.

O sr. Elyseu Guilherme, apunhalou o seu amigo de um modo nada cavalheiroso, cobarde mesmo.

Admitta as pontas de agulha da nossa observação.

O sr. Elyseu Guilherme esqueceu-se d'aquelle que além de ser o collaborador da sua folha, tinha deffendido nobremente, deixando a si toda a responsabilidade, a sua familia politica, isto é, o partido de que s.s. é chefe.

Mostrou pouca consideração para Virgilio Varzea, que, na opposição Paranaguá, fez do seu humor, da sua verve desesperada, fulminante como uma tempestade de raios, terriveis vergastas com que açoutou a face desse presidente.

Ah! Dõe fundo no organismo dos pequenos este procedimento dos *grandes*.

Nós que estigmatizamos destas mesmas columnas, o facto que se deu na retirada do snr. Alexandre Margarida de Administrador da Regeneração, não podiamos calar de modo algum esta fraqueza de lealdade do snr. Elyseu Guilherme.

S. S. dever-se-hia lembrar do que lhe disse bem por vezes, o illustre Dr. Gama Rosa, sobre Virgilio Varzea.

Devia lembrar-se que este amigo, para salvar s.s. de certa posição critica e vergonhosa em que s.s. estava com alguém do partido contrario, foi talvez comprometter a sua linha de escriptor imparcial, dizendo pelo órgão liberal, o contrario do que se dera, o que não é preciso fazer sentir agora, para que s.s. não core mais uma vez.

O sr. Elyseu Guilherme não tem desculpa, quanto ao dizer que não vio a canalicé desafortada desse magaréfé que é seu administrador, contra dous moços que se presam.

Dizer que não vio, só por mystificação; pois que esse magaréfé, antes, tinha prevenido e s.s. devia obstar qualquer cousa.

Uma vez que sahio desaforo maior, estava dentro dos brios de s.s. despedir o tal que tinha desconsiderado o seu amigo, o seu ex-pontaneo deffensor das tricas politicas.

Dessa forma, ficou comprehendido que s.s. não tem energia, força ou autonomia precisas e que traz em maior consideração, um serrafila sahido da ultima camada da infima especie humana, do que um moço distincto que nunca ludibriou s.s.

Mas a vida é isto, é esta tremenda estocada das lutas, por todos os lados.

Ainda ultimamente o dr. Remedios Monteiro escrevia a Virgilio Varzea:

«Sinto as contrariedades que tem experimentado.

A vida é uma luta, luta pela existencia, luta com os elementos, com a sociedade, com os homens; assim pois, não se acobarde com o que lhe tem succedido: a imprensa é infelizmente algumas vezes, o campo das calumnias».

Temos pena do sr. Elyseu Guilherme, cujo caracter que parecia-nos estar no ápice da honra, cahiu tão cedo, para nós, amortalhado no sudario negro da mais pesada ingratitude.

Quanto a Virgilio Varzea, se neste combate desapiedado, elle perdeu alguma cou-

sa, não foi por certo o caracter e pôde diser, affoutamente, como Francisco I, depois da derrota de Pavia:

Tout est perdu, hors l'honneur...

Quanto a nós, temos pena e magoa.

A Administração.

Poemas

XV

Céga

Paréce-me que a luz immaculada que vem do teu olhar, todo doçuras, não véte no meu ser aquellas puras delicias de outra era já passada.

Eu creio que essa palpebra adorada não mais um flôreo empyreo de venturas, descobre-me—na noite de amarguras, de duvidas interminas cortada.

Não olhas como olhavas, rindo, outr'ora, não abres a pupilla, como a aurora nascendo, abre, feliz, radiosa e calma.

A sombra, nos teus olhos, funda, existe!... Tu'alma deve ser bem negra e triste se os olhos são, de certo, o espelho d'alma.

Cruz e Souza.

Piparotes

Começam as victimas...

Já o Sr. Capitão Duarte...vãe para o Egypto...comer cebolas, o que sempre é melhor do que...plantar batatas.

Antes assim, sim senhor.

A' respeito de relatorio Paranaguá, o quê gentes, nem nada.

Até agora, cá o Moléque, mama na lingua, enquanto alguém mamará em outra cousa.

São gostos.

Em todo o caso, venha o relatorio, venha elle para que depois não se diga que e tal e cousas.

Vamos lá.

A tout seigneur, toute honneur.

Olha esse relatorio que saia!

Ora ainda bem que foram attendidas as nossas reclamações.

Continua o atterro do «Menino Deus», quero diser, da praia do «Menino Deus».

Tambem esta questão de atterro está que é um gosto.

A gente tem até vontade de diser assim: Olha um atterrosinho para o partido liberal que já se foi.

E aqui é que está o X.

Pois sr. Palmeiro, *grazzie*, pelo atterro.

Ora, sem mais aquella...

Não ha de quê, pois não é?

Pois não está latindo o Cascaes ?!...

O' que cão teimoso.

Chô, chô, passa fóra cão, passa fora.

Que diabo, homem, precisa a gente cahir neste cão de ponta-pés e chicotadas pelo fucinho?...

Pois seja:

Zás, tras, pá, pá, trá, pá, salta cão, ó nojento Cascaes, não ladres...

Queres morder, cão?

Estás damnado?

Não mórdas, não mórdas...

O' bôsta, ó cão, ó Cascaes, passa fóra pustula.

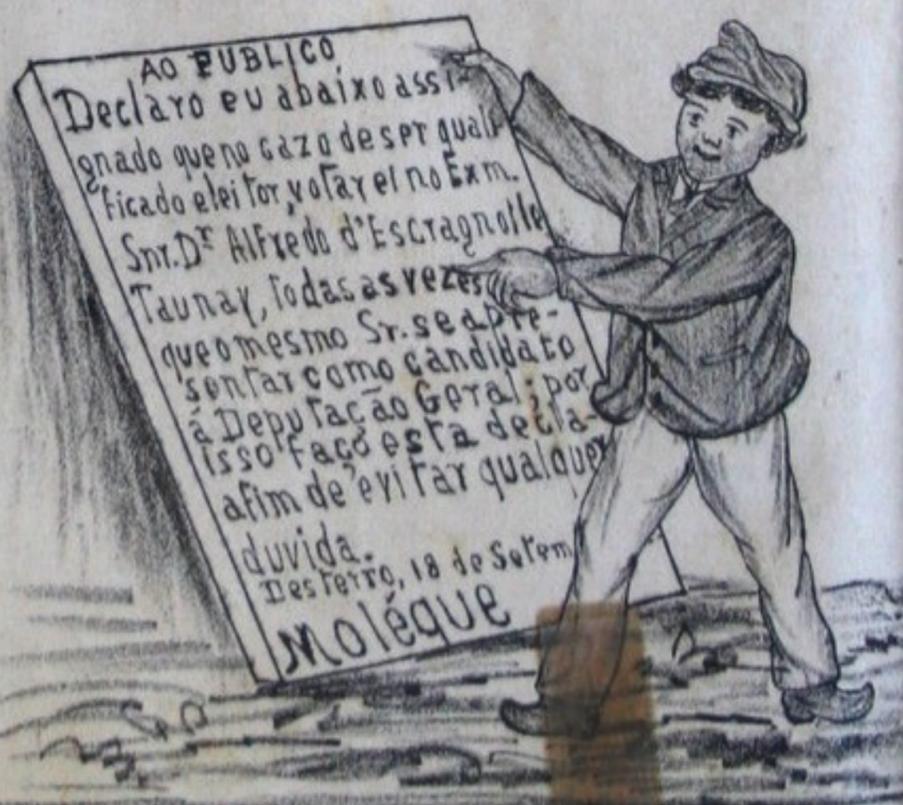
Passa fóra, vae para o monturo.

Trac.



De um esgôto só poderia sahir um ... sapo e

antes ter cerejas por illu-
sões do que bôsta de vaca...
republicana.



Não era de estranhar o procedimento da "Regeneração" sobre o facto dos Trópos e Phantasias" em virtude do seu redactor ser o simbolo da ... ingratição.

Novo meio de garantir o estomago ... num
fucturo mais cheio de ... luz (de J. do Com. de 18)